

História Militar: Uma abordagem*

*Nilson Vieira Ferreira de Mello***

Palavras iniciais

Os dirigentes e coordenadores deste curso, iniciativa pioneira que a UNIRIO acolheu com louvável e decisivo empenho, convidaram-me para falar sobre o objeto que os senhores escolheram para sua especialização cultural: a História Militar.

Para desincumbir-me desta honrosa missão, tenho apenas a oferecer-lhes a minha fascinação por este ramo da História Geral, com a qual espero robustecer-lhes a opção de estudar as coisas da guerra sob o prisma da História.

A guerra e a História

Com efeito, é da guerra que se ocupa a História Militar, através de estudos metódicos sobre suas origens, evolução e repercussões em outros campos das atividades humanas. Enquadrada pela História Geral, ela não se limita a examinar apenas as batalhas e o desempenho dos que dela participaram e comandaram. Seu campo de interesse é muito mais amplo, levando-a a relacionar-se com a política, a economia, a geografia, a sociologia, a psicologia, a estratégia, as ciências de um modo geral e com as tecnologias por estas geradas.

Fenômeno constante do processo histórico desde os mais recuados tempos, há quem conside-

re a guerra inerente à natureza humana, da qual até mesmo a luta pela sobrevivência, comum aos homens e aos animais, seria dela uma expressão elementar.

Anatole France¹ escreveu que “as causas principais da guerra são as mesmas no homem e no animal, que lutam um e outro para pegar ou conservar a presa, ou para defender o ninho ou o covil, ou para gozar de uma companheira”. Nesta mesma linha de argumentação, Hobbes² afirmava que a “a condição do homem... é a guerra de todos contra todos”, e Maistre³ chegava mesmo a sacralizá-la, ao dizer que “a guerra é, pois, divina em si mesma, já que é uma lei do mundo”.

Outros, ao contrário, negam-lhe a qualidade de coisa natural e inevitável, como Ortega Y Gasset⁴ para quem “a guerra não é um instinto, mas um invento. Os animais desconhecem-na, e é de pura invenção humana, como a ciência e a administração”.

Contudo, a despeito dos pacifistas considerarem-na uma aberração desvinculada da natureza humana, a guerra está hoje tão presente no mundo como sempre esteve no passado, a despeito dos ingentes esforços de pessoas e organizações de todas as épocas para eliminá-la. Religiões e filosofias têm procurado limitá-la ou prescrevê-la sem muito sucesso, até porque elas mesmas – filosofias e religiões – recorrem à guerra quando dela podem obter enganosos benefícios.

* Aula inaugural do II Curso de Especialização em História Militar da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, proferida em 15 de julho de 2004, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB.

** O autor é Coronel de Cavalaria e Estado-Maior, historiador e sócio honorário do IGHMB.

¹ Anatole France: Escritor francês (1844-1924). Autor de romances históricos e de costumes. Escreveu *Opiniões do Senhor Jérôme Coignard*. Prêmio Nobel em 1921.

² Hobbes (Thomas): Filósofo inglês (1588-1679). Interessava-se pela matemática, pela física e pela política. Escreveu *Leviatã*.

³ Maistre (Joseph): Escritor e filósofo francês (1753-1821). Escreveu *Os Serões de São Petersburgo*.

⁴ Ortega Y Gasset (José): Filósofo e escritor espanhol (1883-1955). Escreveu *El Tema de Nuestro Tiempo, Rebelión de Las Masas*, entre outras obras.

Hoje vive-se a permanente tensão provocada pela banalização da violência, e não apenas das guerras, ressalte-se, mas do crime organizado, do narcotráfico, bem como do terrorismo político e religioso, praticado em escala mundial. Nessa atmosfera carregada de ameaças, é temerária a adoção de uma atitude complacente com a escalada da violência em nome do pacifismo, da defesa dos direitos do homem ou de outro qualquer nobre sentimento otimista que não se baseie na realidade. A propósito, convém citar de novo Ortega Y Gasset, para quem “o pacifismo está perdido e se converte em mera beatice, se perde de vista que a guerra é uma genial e formidável técnica de vida e para a vida”.

Enfim, a guerra, que baliza todo o desenrolar do processo histórico, é um fenômeno atual por mais que deploremos esta verdade. A repulsa moral que ela nos causa não pode servir de pretexto para a recusa em considerá-la e estudá-la lucidamente, até mesmo para evitá-la ou restringi-la. Felizmente, há hoje um crescente interesse em se compreender melhor a guerra através de pesquisas e estudos sistemáticos, realizados em centros especializados e em universidades, particularmente na Europa e na América do Norte, incluindo o Canadá. O curso que os senhores ora iniciam está dentro dessa tendência. Sua criação deve-se à visão e à persistência do presidente desta casa que hoje nos acolhe, o Cel Luiz Paulo Macedo Carvalho, que logrou sensibilizar, com argumentos valiosos, altas autoridades militares, bem como dirigentes e professores da UNIRIO, universidade esta que se tornou pioneira, na América Latina, ao fazer funcionar, no ano passado, o primeiro curso de especialização em História Militar.

Na tentativa de situar no tempo o início do emprego da violência organizada, vale dizer o surgimento dos exércitos e dos estados, diria que isto ocorreu quando as comunidades nômades de caçadores-colhedores descobriram técnicas de cultivo de vegetais e de criação de animais e

tornaram-se sedentárias. Com a extensão e aperfeiçoamento da agricultura, vieram os excedentes de produção e, com eles, as rivalidades tribais na disputa desses excedentes e das melhores terras e mais abundantes mananciais de água. A essas causas de conflitos, diria *materialistas*, somavam-se outras, *psicológicas*, como inveja, ganância, vingança de afrontas e humilhações, rompimento de alianças, rapto de mulheres etc.

A forma de produção resultante do sedentarismo exigiu novas regras de convivência e de defesa da comunidade. Surgiram estruturas autoritárias e, com elas, a organização do trabalho e a designação das tarefas de segurança. Numa tentativa de síntese muito imperfeita, aponto esse instante como o da criação do estado e do exército, ambos intimamente ligados desde o nascimento. Essa estrutura rudimentar foi evoluindo ao passar dos séculos até atingir as grandes estruturas dos estados da Mesopotâmia e do Egito. Daí em diante, cresce sempre o número e a qualidade dos documentos postos à disposição dos estudiosos do processo histórico, marcado pela alternância entre guerra e paz.

O estilo ocidental de guerra mergulha suas raízes na Grécia clássica. Foi nas cidades-estados helênicas que se organizou a falange, extraordinário instrumento de combate, mais tarde sucedido pela legião romana. Os gregos foram os primeiros a pretender justificar as guerras como instrumento da justiça e da política estrangeira, objetivando o fortalecimento da ordem social. Professavam o *militarismo cívico* segundo o qual o Estado ideal é baseado na existência de cidadãos livres, que se autogovernam, permanentemente treinados e armados para a guerra. Colocavam as virtudes cívicas no mesmo nível das virtudes marciais, as quais eram consideradas como essenciais à preservação da concepção helênica de estado.

Com o fim da Guerra do Peloponeso, surgiram as primeiras manifestações de um verdadeiro pensamento militar teórico, certamente esti-

mulado pela intensa efervescência intelectual, registrada na Grécia no quinto século antes de Cristo, o século de Péricles. A educação, que fora antes uma tarefa familiar realizada na intimidade dos lares, ganha as praças públicas, levada por sábios em variadas disciplinas. Ensinavam tudo, desde filosofia e matemática até ramos do saber mais específicos, como a retórica, necessária à ascensão política num ambiente democrático, no qual argumentar e convencer eram essenciais. Platão,⁵ discípulo de Sócrates,⁶ funda a *academia*, assim chamada porque localizava-se nos jardins do herói grego *Academo* e nela os *sofistas*, que consideravam a arte da guerra uma forma de saber como tantas outras, portanto suscetível de ser ensinada e aprendida, ministravam ao ar livre verdadeiros cursos da arte de comandar. Porém, a mais notável contribuição desses mestres itinerantes ao processo original da teoria da guerra foi a produção de literatura didática, verdadeiros manuais técnicos redigidos em prosa. Como a escolha dos chefes dos exércitos atenienses fazia-se pelo voto popular, a indicação de um *estratego* tornou-se um tema importante da retórica política, e as questões militares parte integrante da abordagem racional e sistemática da educação.

Xenofonte,⁷ combatente experimentado em diversas campanhas, escreveu *As Helênicas*, que muitos consideram como a continuação da obra de Tucídides,⁸ intitulada *A Guerra do Peloponeso*.

Uma conseqüência curiosa dessa *racionalização* da guerra é a construção ideológica do inimigo. Esse trabalho intelectual de representação do adversário acabava por levar a uma definição

de si mesmo. Heródoto,⁹ quando descrevia os persas, idealizava-os como sendo o inverso dos gregos, portanto inferiores.

Segue-se, no desenrolar do processo histórico, a legião romana e seus extraordinários feitos na construção e manutenção do enorme império, responsável por colossal progresso da humanidade. Daí por diante, fluem os episódios da História Militar, num encadeamento de causas e efeitos repleto de dramáticos e empolgantes episódios.

Palavras finais

Pretendi mostrar, com este superficial e sumário exame da História, que a guerra é um fenômeno presente em todas as etapas da evolução da humanidade. No século XX, que acabamos de ultrapassar na virada do milênio, ocorreram centenas de guerras, inclusive duas de caráter total e mundial, além de inúmeras outras de diferentes naturezas que não cabe aqui citar. Mas é imperioso mencionar o surgimento da guerra nuclear, cujos efeitos catastróficos, em grau nunca antes suspeitado, mergulhou o mundo todo na expectativa da sua própria destruição. A costuma distinção entre combatentes e populações civis, tão enfaticamente estabelecida pela Convenção de Genebra, não mais protege os habitantes das áreas conflagradas, nem mesmo quando a tecnologia disponível alardeia sua capacidade de realizar ataques *cirúrgicos* a alvos situados no território do adversário. A ameaça de ataques nucleares, químicos e biológicos, mesmo em tem-

⁵ Platão: Filósofo grego (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates. Fundou, em Atenas, a academia. Escreveu *A República*.

⁶ Sócrates: Filósofo grego (470-399 a.C.). Serviu no Exército ateniense. Caráter reto e incorruptível, foi apontado pelo oráculo de Delfos como o mais sábio dos gregos.

⁷ Xenofonte: Filósofo e escritor grego (430-355 a.C.). Discípulo de Sócrates, escreveu obras sobre o mestre e ensaios sobre história e filosofia política e, até mesmo, sobre equitação. Autor do livro *Anabase* no qual conta as campanhas de Ciro.

⁸ Tucídides: Historiador grego (460-395 a.C.). Viveu no século de Péricles, o mais brilhante da cultura grega. Em 424 a.C. foi eleito *estratego* para combater na Trácia. Escreveu *História da Guerra do Peloponeso*.

⁹ Heródoto: Historiador grego (V século a.C.). É chamado Pai da História. Escreveu diversas obras, entre as quais relatos referentes às guerras greco-pérsicas.

po de paz, por organizações terroristas e - quem sabe? - do narcotráfico e de outras modalidades do crime organizado, assombra e intranqüiliza a humanidade toda.

Daí o interesse crescente dos estudiosos pelo fenômeno da violência, cuja manifestação culminante é a guerra. Surgiu até mesmo uma nova disciplina, a *Polemologia*, quando Gaston Bouthou fundou em Paris, em 1945, o Instituto Francês de Polemologia, termo extraído do grego *polemo* (disputa, discussão, controvérsia), e que, desde então, tem provocado fecundas *polêmicas*, para aproveitar derivação portuguesa da mesma expressão grega. Aliás, é bom lembrar que, em Atenas, o chefe dos exércitos recebia o título de *polemarco* e era um dos 12 *arcontes*.

Há quem diga que estudar uma guerra é a melhor maneira de perder a próxima. Esta colocação, um tanto cínica, inspirou um certo abandono da História Militar nos exércitos de muitos países, inclusive no nosso, nas décadas de 1950 a 1970. O incremento das guerras irregulares nessas décadas, para cujo entendimento não cabia recurso à História, talvez tenha contribuído para isso.

Afinal, as guerras irregulares eram estudadas principalmente pelos seus aspectos operacionais, capazes de sugerir soluções imediatas para os prementes problemas que elas suscitavam em tantos países da Ásia, da África e da América Latina.

Atualmente, a situação é bem outra: cresce o interesse pelo estudo da História Militar em toda parte, não somente nas escolas militares, mas, sobretudo, nos meios acadêmicos. A presença dos senhores aqui é um exemplo, que espero frutifique sob a forma de iniciativas semelhantes em outras universidades do País.

Essa é a abordagem da História Militar que escolhi para apresentar aos senhores. Em aula inaugural de curso do nível deste, a boa praxe aconselha erudição e sapiência no trato do assunto. Mas como *não se dá o que não se tem*, ofereço-lhes o que tenho em abundância: fascínio e entusiasmo pela História Militar, repositório da memória dos grandes sofrimentos da humanidade, mas também das mais nobres virtudes e dos mais belos gestos dos seres humanos.

Muito obrigado e sejam felizes no curso que estão iniciando. ☺

Referências bibliográficas

- BEAUFRE, André. *Introdução à Estratégia*. BIBLIEX, 1998. Rio de Janeiro.
BOUTHOU, Gaston e CARRÈRE, René. *Le Défi de la Guerre*. Presses Universitaires de France-1976. Paris.
DAWSON, Doyne. *As Origens da Guerra no Ocidente*. BIBLIEX 1999. Rio de Janeiro.
FULLER, J.F.C. *A Conduta da Guerra*. BIBLIEX, 1997. Rio de Janeiro.
HART, Lidell. *Estratégia*. BIBLIEX, 1966. Rio de Janeiro.
L' Histoire - *Lés Hommes et la Guerre*. Société d'Éditions Scientifiques. Jul/Ago 2002. Paris.
WRIGHT, Quincy. *A Guerra*. BIBLIEX, 1988. Rio de Janeiro.